

N O

Núcleo Habitat sem Fronteiras

A H

**VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS
SOBRE PROJETOS PARA
SITUAÇÕES DE ENCHENTES**

Aluna: Larissa Gonzalez Delanez
Orientadora: Lara Leite Barbosa



RESUMO

- **A região:** Características tradicionais da região e suas peculiaridades
- **A atividade artesanal:** O estudo das possibilidades de produção artesanal e de métodos de desenvolvimento a partir da utilização da fibra de bananeira, matéria-prima disponível na região
- **O Ecodesenvolvimento:** Desenvolvimento de projetos compatíveis com o contexto social e ambiental locais, baseando-se no conceito de ecodesenvolvimento de Sachs, de 1980
- **Colaboradores:** O desenvolvimento do Projeto de Aproveitamento de Resíduos da Agroindústria da Banana no Vale do Ribeira, SP, a partir de 1997, contando com a colaboração da ESALQ e outros órgãos e instituições
- **As comunidades:** Desenvolvimento da atividade pelos quilombolas das comunidades de Ivaporunduva, André Lopes e Sapatu, do município de Eldorado, com participação direta da população local



1. Introdução

- **Vale do Ribeira:** Região com os mais baixos indicadores sociais do Estado de São Paulo
- **Décadas de 50 a 80:** Políticas públicas voltadas ao desenvolvimento, gerando intensa concentração de renda e agravamento dos desequilíbrios ambientais e sociais regionais
- **Conferência de Estocolmo, 1973:** O surgimento da ideia de “ecodesenvolvimento”, baseada no texto de Sachs
- **1982:** Implantação das Unidades de Conservação e reconhecimento do bioma Mata Atlântica, com base na ideia defendida por Sachs
- **O ecodesenvolvimento:** Objetiva encontrar alternativas econômicas viáveis, com uso racional de recursos naturais, redução de desigualdades e preservação da diversidade e identidade cultural, inserindo a todos no processo de tomada de decisões



1. 2. Objetivos

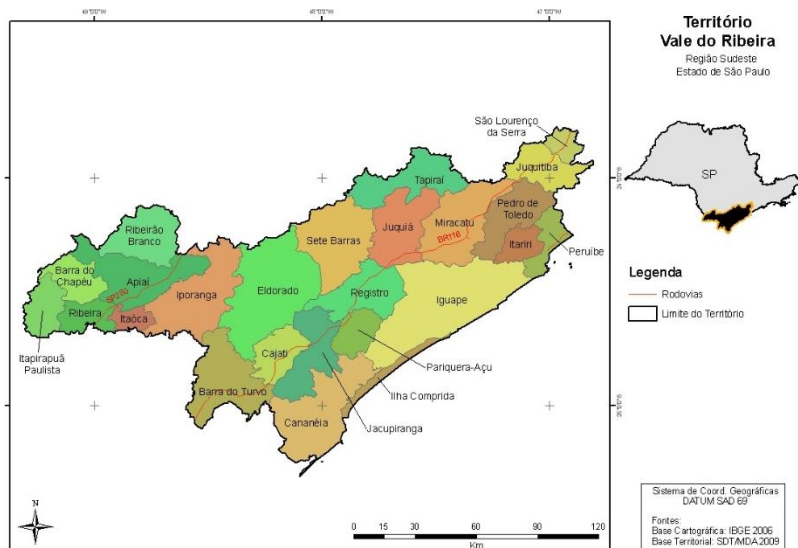
- Mapeamento da rede social envolvida em atividades artesanais na região, com materiais tradicionais e/ou fibra de bananeira
- Verificação de possíveis mudanças ocorridas na renda da população
- Avaliação da existência ou não de fatores limitantes da atividade artesanal com a fibra de bananeira, buscando determinar quais são tais fatores
- Verificação de mudanças ambientais que possam ter ocorrido no território devido ao início do desenvolvimento da atividade



2. Revisão de literatura

2.1. O Vale do Ribeira

- Mais da metade de sua população habita a zona rural. Área de valor cultural e histórico
- Concentra a maior área contínua de Mata Atlântica do Brasil, tendo mais de 50% de sua área dentro de Unidades de Conservação
- Regularização fundiária é ainda um problema → maioria das comunidades não têm a propriedade das terras ocupadas
- Região ocupada por caiçaras, ribeirinhos, índios e quilombolas, que são suas populações tradicionais



2.1.1. O contexto agrícola: A Bananicultura

- A agricultura é a principal atividade econômica desenvolvida pelas famílias do Vale do Ribeira
- Banana passou a ser o principal produto econômico do Vale
- A prática da agricultura não exclui o exercício de outras atividades que complementem a economia de subsistência das famílias
- Poucos métodos para obtenção de renda na região
- Períodos de intenso êxodo rural- urbano



2.1.2. O contexto social: As comunidades quilombolas

- No século XVI, a região encontrava-se povoada por colonos europeus, que mantinham a economia extrativista e agrícola do país através de escravos índios e/ou negros
- Mão-de-obra escrava destacou-se no Vale principalmente durante a mineração do ouro
- Com o achado de ouro às margens do rio Ribeira de Iguape, originou-se a primeira cidade no interior do Vale, hoje conhecida como Eldorado
- Ex-escravos que permaneceram na região ocuparam as terras e desenvolveram agricultura de subsistência e comércio
- Possui maior número de comunidades remanescentes de quilombos do estado de São Paulo, por volta de 25
- Comunidades são obrigadas a deixar de lado atividades que exigiam extração de recursos e supressão da vegetação, como agricultura itinerante e extrativismo



2.1.2. O contexto social: As comunidades quilombolas

- As comunidades de Ivaporanduva, André Lopes e Sapatu estão localizadas no município de Eldorado, sendo que as três têm suas terras banhadas pelo rio Ribeira de Iguape
- Mesmo isoladas geograficamente, as comunidades quilombolas fazem parte do contexto agrícola regional



Comunidades quilombolas

2.2. Os planos de desenvolvimento para o Vale do Ribeira

- 1950 e 1979 → planos baseados em investimentos maciços do Estado e grupos econômicos privados → desenvolvimento de setores da economia nacional, e não dos locais onde eram implantados
- Em 1969 a Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista (SUDELPA) foi criada dando início ao Plano de Desenvolvimento do Litoral (PLADEL), de atuação no Vale e litoral de São Paulo
- 1970 → resultados das políticas → intensa concentração de renda e agravamento dos desequilíbrios regionais
- Melhoria da infraestrutura → especulação imobiliária → conflitos fundiários
- Incentivo ao turismo e à criação de Unidades de Conservação
- Formação de associações para desenvolvimento de políticas rurais
- Tentativa de utilização dos resíduos agrícolas → estudo que resultasse em uma alternativa econômica para tal



2.2. Os planos de desenvolvimento para o Vale do Ribeira

- Fundação Florestal (FF) → contribuir para a conservação, manejo e ampliação das florestas de proteção do Estado
- Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) políticas agrárias e fundiárias/ identificação das comunidades-quilombolas
- Testes experimentais com folhas e troncos de bananeira e estudo de técnicas de coleta do material
- Cursos de repasse da técnica artesanal utilizando os resíduos da bananicultura para a população das comunidades



Figura 3 - Artesãs de Ivaporunduva durante o primeiro curso montando o tear

2.3. O conceito do desenvolvimento

- Século XVIII: Realização de potencialidades socioculturais e econômicas de uma sociedade em perfeita sintonia com seu entorno ambiental
- Pós liberalismo: Crescimento econômico centrado em padrões de vida e consumo das nações já industrializadas, gerando um modelo de sociedade ocidental, capitalista e industrializada
- Novos pensamentos: meio ambiente é o elemento condicionante da atividade econômica, sua escassez de recursos pode provocar o colapso do sistema econômico
- Mudança de hábitos e criação de projetos de desenvolvimento que cultivem o equilíbrio ecológico
- Correntes de sustentabilidade
- A importância de considerar atividades sociais e econômicas, a população e a questão do uso dos recursos naturais e impactos ambientais dentro do tema do desenvolvimento



2.3.1. O Ecodesenvolvimento

- Desenvolvimento sustentável: O conceito a partir do qual surge o Ecodesenvolvimento
- Ecodesenvolvimento: Importância à integração da Ecologia com outros campos da ciência, ressaltando a importância da interdisciplinaridade das dimensões humana, sócio-política e cultural
- Reelaboração teórica e desenvolvimento de conhecimentos científicos e tecnológicos para superar barreiras impostas pela economia de mercado
- Devem haver soluções específicas para problemas particulares, considerando dados ecológicos locais, desigualdades culturais e potencialidades natas dos seres humanos e ambiente onde se quer intervir
- É visada a harmonização entre os objetivos econômicos, sociais e ecológicos, o desenvolvimento interativo entre homem e natureza
- O marco da associação entre mulher e meio ambiente
- Dimensões social, econômica, ecológica, espacial e cultural



3. Metodologia

3.1. Os caminhos da pesquisa; as técnicas adotadas para a coleta e análise de dados

- Pesquisa qualitativa, preocupada com o ponto de vista dos participantes
- Localização de pessoas da comunidade que tinham participado dos cursos de artesanato e visitas informais às casas, com mapeamento dos artesãos
- Colaboradores primários, secundários e externos
- Presença de artesãos-multiplicadores



Figura 22. Na sala da casa de uma artesã, peças feitas de fibra de bananeira. Do lado esquerdo da foto um caminho de mesa sobre a televisão, e do lado direito jogos americanos e tapetes



3.2. Descrição das três comunidades envolvidas na pesquisa

- Ivaporunduva
 - A 50 Km de Eldorado
 - 70 famílias
 - Renda advém principalmente da bananicultura
 - Primeira a conseguir a propriedade definitiva de suas terras
- André Lopes
 - A 40 Km de Eldorado
 - 76 famílias
 - Renda advém da roça de subsistência e da bananicultura
 - Parte da área sobreposta ao Parque Estadual de Jacupiranga
- Sapatu
 - A 33 Km de Eldorado
 - 82 famílias
 - Renda advém da roça de subsistência e da bananicultura
 - Parte da área sobreposta ao Parque Estadual de Jacupiranga



4. Resultados e discussão

4.1. Histórico de implantação da atividade nas comunidades estudadas

- Contato com artesãos da região e resgate de técnicas locais
- Testes com o trançado das fibras e uso do tear
- Viabilidade do projeto e repasse através de cursos a partir de 1997
- Alternativa de trabalho às comunidades rurais
- Beneficiar comunidades sem comprometer Unidades de Conservação



Figura 2 - Primeiro curso ministrado em Ivaporunduva. Artesã tecendo com a fibra de bananeira em tear de pente liço e de mesa



4. Resultados e discussão

4.1. Histórico de implantação da atividade nas comunidades estudadas

- Desejavam reforçar artesanato típico e incentivar vocação já existente
- Utensílios domésticos → artesanato
- Venda no Parque estadual e construção de estrutura para venda
- Ivaporunduva tem o maior número de artesãos atualmente
- Articulação entre comunidades e instituições - financiamento



Figura 8- Casa do Artesanato de Ivaporunduva

4.1.1, A assimilação da técnica

- Matéria-prima da flora nativa
- Utilização de teares
- Extração da palha e da fibra do tronco da bananeira
 - corte do tronco
 - retirada das bainhas
 - corte das tiras
 - secagem ao sol



Figura 9 - Tear de pente liço de cavalete e tear de mesa (no chão).
Ao lado direito da foto fibras de bananeiras prontas para serem tecidas



4.1.1, A assimilação da técnica

- Doação de teares e materiais (SUTACO)
- Artesanato ganha identidade própria
- Artesanato utilitário perde espaço
- Resgate e valorização da expressão artesanal desse povo



Figura 21. Bolsa de fibra de bananeira confeccionada por uma artesã. Detalhes coloridos, tingimento com corante artificial



4.2. A questão ambiental e o artesanato

4.2.1. O modo de vida das comunidades e as restrições ambientais

- Mudança na economia com criação das Unidades de Conservação – proibido o extrativismo discriminado
- Criação dos parques estaduais diminui produção agrícola de subsistência
- Necessidade de alternativa de renda
- Problemática ambiental relaciona-se com interesses econômicos e sociais
- Conhecimento dos recursos e estratégias de uso dos mesmos
- Núcleos familiares são unidades de produção e de consumo, baseadas em laços de parentesco → “Cultura rústica”



4.2.2. A bananicultura

- Cultivo nos quintais e nas áreas de roça → dieta alimentar e comércio regional
- Não impactante em termos ambientais
- Resíduos não causam de impacto ambiental → artesanato utiliza esses resíduos
- Mais de 90% da vegetação florestal preservada → bananais têm pequena extensão

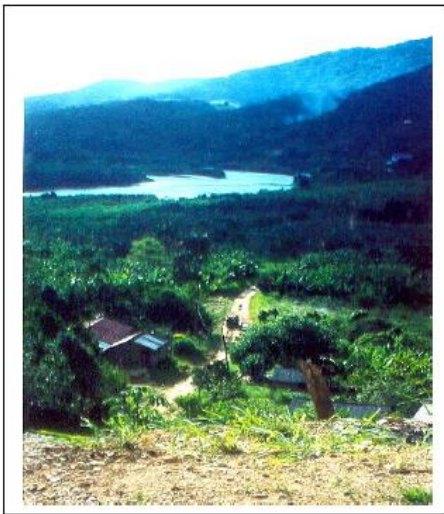


Figura 24. Vista de uma área de bananal na comunidade de Ivaporunduva a beira do rio Ribeira



Figura 10 - Corte do tronco de bananeira

4.2.3. Os resíduos da bananicultura na atividade artesanal

- Resíduo material → recurso potencial a ser explorado
- Pseudocaule → 92% de água + 3% de fibra
- Grande disponibilidade de matéria-prima para o artesanato.
- Armazenamento dos materiais nas próprias residências, em sacos, caixas ou penduradas
- Fortalecimento do elo entre as comunidades e o ambiente local
- Práticas de produção condizentes com as relações entre sociedade e meio ambiente existentes

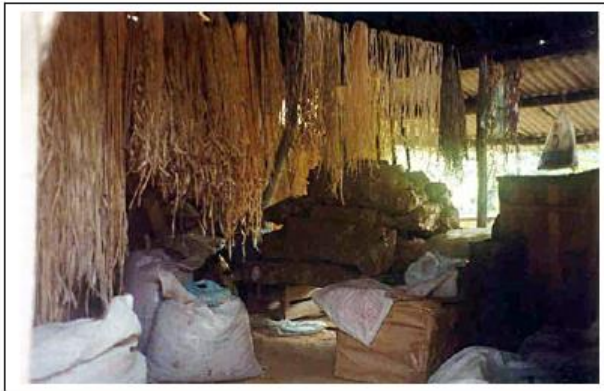


Figura 14 - Armazenagem das tiras de fibras de bananeira em um paiol da casa de uma artesã de Sapatu



4.3. A organização dos artesãos

- Criação do grupo “Raízes da Cultura Quilombola”, em 2000
- Ivaporunduva passa a trabalhar de forma centrada na comunidade
- Artesanato visto como alternativa de geração de renda → aliado ao turismo
- Melhoria da organização da atividade do artesanato → fundo de reserva
- Ivaporunduva possuía maior consciência e autovalorização
- Comércio em feiras e exposições regionais e em outros locais do Estado de São Paulo
- Evento “Revelando São Paulo” → valoriza a diversidade das artes
- Qualidade das fibras → microorganismos e insetos
- Rede construída espontaneamente pelos colaboradores



4.3. A organização dos artesãos

- Rede construída espontaneamente pelos colaboradores primários, secundários e externos
- Dificuldade na atribuição de preços às peças artesanais, mesmo com os cursos
- Principal atividade que permitia à mulheres alcançar alguma espécie de renda



Figura 15 - Artesãs de Sapatu com as tiras da palha de bananeira já secas e prontas para serem tecidas



4.3.1. A relação de gênero e os espaços de confecção artesanal

- Valorização pessoal e melhoria da auto-estima
- Confere identidade às mulheres e jovens, vistos como profissionais
- Obtenção de recursos na própria comunidade
- Valorização da mulher pelo trabalho extra-doméstico com geração de renda
- Ganhos econômicos não são expressivos → atividade complementar



Figura 16- Artesa de Ivaporunduva. A esquerda da foto visualiza-se um maço de palhas de bananeira armazenada e a fundo uma peça pronta



4.3.1. A relação de gênero e os espaços de confecção artesanal

- Dificuldade de nivelamento dos produtos
- Trabalho em grupo interfere em suas funções rotineiras → inviável
- Tempo destinado ao artesanato é pequeno → conforme necessidades
- Produção individualizada → preços únicos para cada peça
- Não segue modelo capitalista
- Mulher atua em cenário que era exclusivamente masculino



Figura 17 - Artesã de André Lopes tecendo

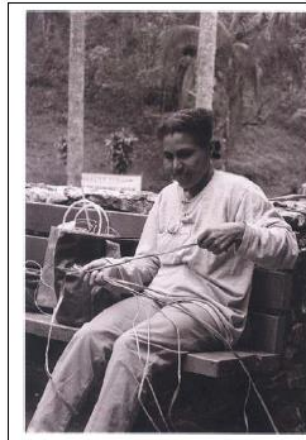


Figura 18 - Artesã de Sapatu fazendo trança com tiras de palha de bananeira



4.4. O artesanato como atividade econômica

- Trabalho artesanal não tem ritmo de produção constante → não tem demanda de mercado constante → turistas
- Artesãos estipulam o preço de suas peças → difícil contabilizar
- Atividades prioritariamente pensando na segurança alimentar
- Fonte de renda complementar depois da banana
- Impulsiona formas de artesanato já existentes



Figura 23. Peças feitas de fibra de bananeira, e algumas peneiras feitas de taquara

4.4. O artesanato como atividade econômica

- Intempéries e limites ambientais → necessidade de local de comercialização
- Necessidade de investimento em propaganda e qualidade da peça
- Preços variados entre peças iguais
- Perspectiva de comercialização local promissora → ecoturismo



Figura 19 - Artesão de Ivaporunduva tecendo



4.4.1. O artesanato e o turismo na comunidade de Ivaporunduva

- Artesanato é atrativo político para algumas localidades
- Exposição de produtos nas estradas
- Aumenta o interesse pelo artesanato local
- Visitações de escolas → oportunidade de comercialização
- Turismo compra artesanato e artesanato chama o turismo
- Mais vendas em épocas específicas e eventos



Figura 25. Barraca na beira da estrada de acesso à Caverna do Diabo, em frente da casa de uma artesã. Exposição e venda do artesanato de bananeira e esteiras feitas de taboa

5. Considerações finais

- Esforços por um melhor nível de vida da população
- Busca pela socialização de conhecimentos
- Necessidade de existência de harmonia entre homem e natureza
- Crescimento econômico que prioriza o potencial de cada *locus*, aumentando o interesse pelo artesanato local
- Projeto contribuiu significativamente para valorização da atividade artesanal presente em muitas atividades quilombolas → vocação e compatibilidade
- Fator limitante da atividade é a forma de comercialização insuficiente, que acaba por não motivar as pessoas a trabalharem com o artesanato
- É considerada uma tecnologia limpa e não provocou mudanças ambientais negativas
- Pode ser realizada em conjunto à agricultura de subsistência, e ainda precisa da ajuda dos colaboradores externos

